



DL-01

Ses. Esp. 04/12/08

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em celebração ao Dia do Samba e aos 60 anos do afoxé Filhos de Gandhi, proposta pelo deputado Bira Coroa.

Convido para compor a Mesa o proponente da sessão, deputado Bira Coroa (Palmas); o Sr. Antunes Nunes de Souza, representante do secretário da Educação, Adeum Sauer (Palmas); o tenente-coronel Josemar Silva da Cruz, representante do comandante-geral da PM, coronel Nilton Mascarenhas (Palmas); o Sr. Prefeito da Cidade de Maragogipe, Sílvio Ataliba (Palmas); meu querido amigo, vereador da Câmara Municipal de Salvador, José Carlos Fernandes (Palmas); o vice-diretor do Departamento de História e Filosofia da UEFS, professor Antônio de Lima da Anunciação (Palmas); o presidente do afoxé Filhos de Gandhi, professor Agnaldo Silva (Palmas); o Sr. Edil Pacheco, sambista, cantor e compositor (Palmas); o Sr. Valmir Lima, sambista, compositor, completando 50 anos de samba (Palmas); o presidente do Bloco Alvorada e representante da Une samba, Heloivaldo Nascimento França (Palmas); e o Sr. Celso Santana, cantor, compositor, sambista, fazendo 50 anos de samba. (Palmas)

Ouviremos agora a homenagem do Coral da Assembléia Legislativa, sob a regência do maestro Rogério Moraes, ao afoxé Filhos de Gandhi e aos sambistas.

(Apresentação do coral da Assembléia Legislativa da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE(Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado Bira Coroa, proponente da sessão.

Antes eu gostaria de pedir desculpas porque tenho que me ausentar tendo em vista compromisso anteriormente assumido. Gostaria de parabenizar o deputado Bira Coroa por propor esta sessão nesse dia tão especial que é o Dia do Samba. Parabenizo também os Filhos de Gandhi e o Coral da Assembléia o qual, pela primeira vez, estou vendo e ouvindo.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Passo a presidência dos trabalhos ao deputado Luiz Augusto.



5433-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. Bira Coroa

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao deputado Bira Coroa para falar como autor desta sessão.

O Sr. BIRA COROA:- Sr. Presidente, deputado Marcelo Nilo (palmas), antes de sua saída, nobre Presidente, quero, mais uma vez, tecer o agradecimento pelo projeto que vem sendo desenvolvido nesta Casa. Com a gestão do presidente Marcelo Nilo, nós tivemos mais condições de transformar esta Casa, de fato, em um espaço de participação e de intervenção da sociedade baiana. Isso nos engrandece muito. Quero, neste momento, também parabenizar o Presidente por esta ação e compromisso que tem em transformar esta Casa, de fato, em um espaço do povo.

Quero saudar, neste momento, o Sr. Antônio Nunes de Souza que, aqui representa tanto o governo do Estado como também representa o Sr. Adeum Sauer, secretário da Educação do Estado da Bahia (palmas); saudar o Sr. Tenente Coronel Josemar Silva da Cruz, representando a Polícia Militar do Estado da Bahia (palmas); o prefeito Silvio Ataliba, representando a cidade, a essência e o compromisso com a afirmação da cultura e, acima de tudo, da afirmação nossa, povo negro neste Estado mais negro do mundo (palmas).

Quero saudar o Sr. José Carlos Fernandes, vereador da Câmara Municipal de Salvador, representando a tão importante Casa Legislativa da capital como também promoveu na Câmara Municipal um ato de tamanha envergadura de reconhecimento e afirmação do Dia do Samba e, também, tem tido este compromisso com este processo de luta e afirmação da nossa cultura, acima de tudo, da afirmação de nossos valores culturais, da memória e da história do nosso Estado.

Quero, também, saudar o Sr. Antônio Lima da Anunciação, professor e, também, vice-diretor do Departamento de História e Filosofia da UEFS; o Sr. Professor Agnaldo Silva,



presidente do Afoxé Filhos de Gandhi; saudar Edinho Pacheco, um dos símbolos do samba na Bahia pela perseverança, força de luta, compromisso sempre firmado e por conduzir a marca da presença viva do samba na Bahia por onde passa. (Palmas).

Quero saudar o Sr. Valmir Lima, com muita satisfação, uma marca também estratégica e importante, fazendo 50 anos de samba e que nos representa muito bem (palmas); saudar o nosso conhecido França, destacar o presidente do Bloco Alvorada que, também, afirma essa luta, no município de Salvador e em nosso Estado.

E, por último, quero saudar uma pessoa com quem mantenho laços muito próximos de atuação, que é mais um símbolo vivo do samba na Bahia, que tive o privilégio de conhecer há muitos anos nas quadras do Apaches, que contribuiu muito para o trabalho que fizemos em Camaçari, o nosso Celso Santana, que também marca os 50 anos de samba na Bahia.

Quero me dirigir a diversos grupos que neste Plenário estão, como os Filhos de Gandhi e outros que representam os municípios de Maragogipe, Cachoeira, Camaçari, que é a nossa representação, Salvador e tantos mais que logo em seguida registraremos.

Quero rapidamente me referir a este dia, o Dia do Samba, comemorado no Brasil inteiro. Surgiu na Bahia por iniciativa do vereador Luiz Monteiro da Costa para homenagear Ary Barroso por uma música em que este demarca e eleva o nome da Bahia para o Brasil e o mundo. Era um sambista que não conhecia a Bahia. E a vinda de Ary Barroso pela primeira vez para cá foi registrada e comemorada como o Dia do Samba na Bahia. Com o tempo ele ganhou espaço e musculatura, posso assim dizer, e hoje é comemorado como o Dia do Samba no Brasil, um marco importante em reconhecimento ao ato daquele vereador. E foi também pela história e realidade da presença do samba no nosso dia-a-dia que nós também encaminhamos para esta Casa o reconhecimento do Dia do Samba.

Mas o samba é nada mais nada menos do que uma manifestação viva e presente na alma e na vida do povo brasileiro. Digo sempre que o samba é um dos marcos da resistência que desde os quilombos pontuou, juntamente com a capoeira e o candomblé, os traços reais da nossa cultura. O samba, com audácia, coragem e acima de tudo irreverência, desceu os morros



e invadiu o centro das grandes cidades demarcando, acentuando e pontuando o registro da presença do povo negro, mesmo discriminado ou excluído da sociedade de que ainda fazemos parte.

Foi assim que o samba cresceu e fixou-se no Rio de Janeiro, em São Paulo. E aqui na Bahia não foi diferente, apesar de não termos a cultura de o Carnaval ser marcado exclusivamente pela ação do samba, mas o samba, também com a irreverência, a resistência e a força de vontade de mulheres e homens que praticam não apenas a musicalidade desse ritmo, mas também a originalidade do nosso próprio povo.

É assim que o Recôncavo Baiano tem a maior diversidade de samba, é assim que a Região Metropolitana comemora as ações mais íntimas das famílias, as grandes manifestações. E também é assim que a gente pode por todo o Estado da Bahia encontrar manifestações de samba nas suas diversas modalidades. Temos o samba de roda, o samba de viola, o samba de coco, chulas, entre outros que eu poderia estar listando.

Mas a nossa homenagem é a essa manifestação que surgiu a partir da chegada do povo negro no Brasil, demarcando a história e a vida da Bahia e mantendo com muita imponência até hoje vivo esse traço da nossa cultura e o elo de afirmação e identidade com a nossa ancestralidade. Conseqüentemente, hoje é uma data importante por comemorarmos o 2 de dezembro, um dia que marca todo o povo brasileiro. E não podia ser diferente aqui na Bahia, em especial, nem nesta Casa Legislativa.

Quero também tecer uma homenagem a um grupo, importante como diversos grupos existentes no nosso Estado hoje, mas especial porque simboliza centenas de grupos por esta Bahia afora que vêm perpetuando uma luta estratégica importante. Estamos nos referindo aos 60 anos do Gandhy, um afoxé que em 1949 foi idealizado por uma classe de trabalhadores de origem negra neste Estado, os estivadores. E por serem simbolizados os negros ou os trabalhadores que não tinham padrão como privilégio de serem senhores de suas próprias ações, nessa irreverência, nessa afirmação trouxeram para a Bahia o que eles simbolizaram como símbolo da paz. E foi assim que nasceu o afoxé Filhos de Gandhy, que de 1949 até hoje



abre o grande tapete que simboliza a paz, que afirma a nossa cultura, que revoluciona as manifestações populares de todo o País, não como uma grande escola pontuada no Rio, mas sim como um bloco formado por homens que, com suas indumentárias, com a leveza do afoxé, com o ritmo contagiante e com o prenúncio sempre presente da paz, faz do Carnaval de Salvador uma grande diferença, e posso dizer um momento ímpar em todo o Carnaval e qualquer Carnaval celebrado no mundo.

É a essa instituição e a essa entidade que também, no dia de hoje, queremos homenagear pelos 60 anos de resistência, de luta, de dificuldades.

Falava um pouco antes daqui ainda na sala do cafezinho um pouco da história e dizia o seguinte: Filhos de Gandhy atravessou e pode contar a história do nosso Estado porque conseguiu passar por três fases, antes da tomada militar, que foi intitulada de revolução, mas que, para nós, militantes dos movimentos populares e de entidades e de partidos revolucionários, foi um golpe militar. Viveu toda a era militar e hoje está vivendo a era após o controle militar do País. Então, atravessando momentos importantes, vivendo gerações, participando de momentos e cenários diferenciados da política e da condição de vida social do nosso Estado, se mantém vivo como símbolo do nosso Carnaval.

A vocês, do Gandhy, toda a paz, todo o reconhecimento desta Casa Legislativa e, acima de tudo, os nossos agradecimentos. O mesmo digo a todos aqueles que fazem do samba a maior resistência do povo brasileiro.

Posso dizer que no dia de hoje me sinto bastante gratificado por estar participando deste evento e poder ter aqui a presença do Coral da Assembléia Legislativa abrilhantando este ato, e com isso quero saudar a todos e desejar um dia maravilhoso. E que o Dia do Samba seja um marco em todas as nossas vidas.

Um bom dia. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5434-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. Antônio Anunciação

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Luiz Augusto):- Concedo a palavra ao vice-diretor do Departamento de História e Filosofia da UEFS e presidente do Afoxé Filhos da Luz, de Feira de Santana, professor Antônio Anunciação.

Agora vou passar a presidência da sessão ao deputado Bira Coroa.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Enquanto o professor chega, vou saudar o deputado Luiz Augusto e agradecer-lhe e justificar a sua ida a uma outra atividade nesta Casa, razão por que não poderá permanecer durante toda esta atividade.

O Sr. ANTÔNIO ANUNCIAÇÃO:- Boa tarde a todos e a todas.

Quero dizer da satisfação de estar aqui, emocionado, porque se trata de um dia extremamente especial em que esta Casa traz ao seu espaço o que existe de mais marcante, mais forte como símbolo, como representação do afro-brasileiro da nossa gente, que é o samba.

O samba, que é semba; semba que significa uma volta em torno do umbigo, e aí o samba ganha o mundo através das entidades que são ícones da cultura baiana – o Araketu, Olodum, Filhos de Gandhi, Ilê-Aiyê, entre tantas outras entidades - , além de cantores, sambistas, como Ederaldo Gentil, Edil Pacheco, que me deu a satisfação e a emoção de estar ao lado dele há pouco, e tantos outros.

Mas o umbigo do samba tem um lugar demarcado, que, como sabemos, é o Recôncavo. Foi justamente de lá que o samba emanou para vários rincões do mundo, e, em todos os continentes, sentimos a presença dele, seja como partido alto, seja como samba-de-roda, seja como maculelê; seja como o samba batido na percussão, conforme a batida que se tem na capoeira, seja como a chula e tantas outras expressões e vertentes do nosso rico samba,



de modo que tudo isso é a emanção do que de mais forte, mais dignificante representa a cultura afrodescendente deste País.

O que seria de nós negros sem o samba? O samba, que provém dos terreiros, da porta da senzala, onde o negro sempre usou esses momentos de trabalhos forçados para dar um lenitivo à sua alma, para o samba servir-lhe de terapia para resistir às agruras, às atrocidades e a tantos e tantos malefícios propostos e perpetrados pela gente que, hoje, em se tratando de um grupo extremamente minoritário em relação ao afrodescendente deste país, não reconhece nem respeita a nossa cultura, o nosso espaço, não tem a compreensão de que nós negros, nós afro-brasileiros e afrodescendentes, principalmente os nossos antepassados, os nossos ancestrais, somos, hoje, a representação, o significado da força material e econômica deste país, como expressão, acima de tudo, cultural.

Assim, este dia tão marcado, de tamanho simbolismo, é e será sempre uma lembrança muito forte para nós em todos os anos. Há pouco tempo, o Carnaval existia, quando digo isso é em torno de cento e poucos anos, que é uma ninharia para história social do homem, me refiro, especialmente, ao final do século, XIX quando não se podia ter a participação do negro no Carnaval da Bahia, e Jorge Amado, o grande e venerado, coloca em uma das suas obras, Tenda dos Milagres, uma indagação assim: “Onde já se viu Carnaval sem afoxé? Brinquedo do povo pobre, do mais pobre, seu teatro, seu balé, sua representação”. Essa expressão de Jorge Amado, que de todas as formas rechaça todo o poder que tivera a força policialesca da Bahia, com Pedrito Gordo, o famoso delegado, que não permitia que os negros participassem do Carnaval, que ia aos terreiros de candomblé levar para a delegacia babalorixás e ialorixás, levando inclusive os símbolos sagrados do candomblé: atabaques, agogôs, trabalhos, oferendas arriadas para os orixás. Mas, ainda assim, mesmo por isso, a força, a presença da nossa gente através da magia está aqui se fazendo valer de todo simbolismo que representa a nossa cultura. Hoje, dia de Xangô, dia de Iansã, nós temos toda essa reverência a fazer aos nossos orixás, pois sem a presença do misticismo africano, provavelmente, nós não teríamos a potencialidade que temos.



Precisamos agradecer a Deus, a Olorum, acima de tudo, e mais, à presença das figuras que compuseram o terreiro, o território do candomblé, as ialorixás, os babalorixás e todas aquelas lideranças negras, que muitas vezes tiveram de dar a sua vida por conta da defesa da nossa gente, por conta da defesa do nosso futuro e, por conta disso, acima de tudo, a razão de estarmos aqui. E é nisso que nós temos o dever de reverenciar os 60 anos dos Filhos de Gandhi, que traz essa marca importantíssima para a nossa cultura, como estética, como beleza na avenida e, acima de tudo, trazendo a paz de Oxalá. Axé!

De modo que Filhos de Gandhi é um símbolo muito forte, muito significativo para nós todos. Provavelmente, sem os Filhos de Gandhi, nós não teríamos muito do que temos hoje, porque antes do Ilê Aiyê, antes de 1974, nós tínhamos o negro dentro do Carnaval ou vivendo aquele espaço de representar bloco de índio, Apaches, Comanche, Guarani ou, com dois ou três atabaques, vivendo ali debaixo das barracas na praça Castro Alves, tocando sambas, que eles, os nossos amigos, vinham tocando lá nos seus bairros, nas suas casas, nas suas rodas de modo geral, mas sem necessariamente o espaço para adentrar a avenida como grupo organizado, como manifestação, como entidade, como hoje temos.

Então, o afoxé Filhos de Gandhi teve todo esse trânsito, por conta da sua luta e, acima de tudo, trazendo um simbolismo muito grande para o Carnaval, que é a paz, a paz que, dentro do Carnaval, se tornou uma festa um tanto marcada por instâncias de violência. E os Filhos de Gandhi simbolizam um oásis em meio a toda aquela parafernália, daquela multidão; enfim, como já foi ressaltado aqui, representa o tapete branco de Oxalá.

Então, aos Filhos de Gandhi, ao samba e a todos os presentes, muito obrigado pela oportunidade. Meus agradecimentos também a Bira Coroa, aos demais integrantes da Mesa e à amiga especial Cristiane Kiazala. Boa-tarde a todos. Viva o samba! Viva os Filhos de Gandhi!

(Não foi revisto pelo orador.)



5435-II

Ses. Esp.04/12/08

Or. Heliovaldo Nascimento França

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Iremos ouvir agora uma apresentação da percussão dos Filhos de Gandhi.

Convido para a Mesa Firmino de Itapuã, um tradicional sambista da nossa terra.

(Apresentação musical do Filhos de Gandhi.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Antes de passar a palavra ao próximo orador, quero registrar as presenças do Sr. Arquimedes Neves, do Fórum Permanente de Defesa da Pessoa Idosa; do Samba-de-Roda Brilho de Parafuso, representado por Miro; de Nilton Carlos Assunção, do Terreiro Izonzon... vou suprimir o resto porque não consigo pronunciar, fico devendo; de Ademir Santos, do CEN – Coletivo de Entidades Negras do Brasil; do Sargento Absolon, da Associação de Policiais Militares do Estado da Bahia aqui presente; do Sr. Álvaro de Amaro, do Kuduro do Estado da Bahia; da Sr^a Rosa Demetrius, sambista, professora e compositora; do Samba de Roda Filhos da Barragem, da cidade de Cachoeira; do Samba de Roda Suerdick, também de Cachoeira, aqui representado; de Pedro Nascimento, da Associação Protetora dos Desvalidos aqui presente; do Samba de Roda Filhos da Lagoa Encantada; de Carlos Osvaldo, do Núcleo de Estudos Pesquisas e Teatro do Recôncavo e do Projeto SOS Criança. Após o próximo orador irei registrar outras presenças.

Neste momento, quero passar a palavra ao Sr. Heloivaldo França, presidente do Bloco Alvorada, aqui representando a Unesamba.

O Sr. HELOIVALDO FRANÇA:-Boa-tarde a todos e a todas.

É um prazer, deputado Bira, dar essa oportunidade ao Bloco Alvorada, Unesamba,vou falar um pouco do carnaval de samba que os blocos vêm fazendo. Para falar um pouco de Unesamba tenho que fazer um relato do bloco que presido, o Alvorada, o mais



antigo na atualidade, com 34 anos. É um bloco que passou por muitas dificuldades, como ainda acontece com o samba na Bahia.

Somos do tempo que havia inúmeros blocos, vou citar alguns: Secos e Molhados; Magnata; Barrados, Estudantes; Desajustados; Eles se Foram, e vivemos hoje um bom momento com o samba na Bahia com os blocos na quinta, sexta e sábado ainda, mas de certa forma com muita dificuldade para fazer. Aliás, nós sambistas – há alguns aí na Mesa, nomes de grande valor no samba da Bahia – somos iguais, sofredores ainda na matéria de fazer samba, mas somos muito resistentes nessa questão, talvez aí seja o ponto diferente de todo segmento musical que existe nesta terra: a resistência e a perseverança que nos fazem ser sambistas. (Palmas)

O Alvorada agora em 2009 completa 34 anos fazendo samba. Ele nasce dentro do Colégio Severino Vieira com um grupo de alunos, e o que tínhamos em comum era o samba, resolvemos fazer um samba na sexta-feira de Carnaval, porque na época cada um já tinha os seus blocos no sábado, domingo, segunda e terça, e não tínhamos outro dia para nos reunirmos para fazer o samba e, de certa forma, nos reuníamos na sexta-feira no Carnaval.

Vale registrar até o pioneirismo do Alvorada, o primeiro bloco de sexta-feira, o bloco que ainda tem a sua base, a questão dos artistas locais, é bom frisar isso aí, apesar de a gente trazer sempre algumas peças, mas isso não queria começar agora porque isso passa pela musicalidade e a gente vai ter de bulir com radiofonia, realmente não chega com grandes compositores que temos aqui, não se canta muito o samba desses nossos compositores e o momento não é para isso. Acho que a para celebrar hoje esse Dia do Samba, volto a repetir, é muito difícil fazer samba nesta terra, mas ações como a de hoje nos deixam gratificados por conta de achar que, em alguns momentos de muita tristeza tínhamos que estar sempre lutando para que eventos como o de hoje tenham o respeito desta Casa.

Deixei por último...o Filhos de Gandhy do qual sou associado há quase 30 anos – vi esse esse afoxé quando ainda era charanga, com trinta pessoas, e no qual muitos poucos acreditavam. Venho de uma história... Meu pai, que muitos aqui o conheceram no “Vai



Levando”... Acho até que comecei no Carnaval como diretor “cata garrafa”, porque no ensaio do “Vai Levando” meu pai dizia: “Vá catar garrafa, menino!” Acho que o Filhos de Gandhy é dessa época. Hoje o “Vai Levando” teria 52 anos anos. Era uma obra-prima também desse Carnaval negro, desse Carnaval de resistência, com uma boa parte de gráficos, estivadores... Acho que Edinho conheceu muito meu pai, Celso Santana... algumas pessoas mais antigas da Charanga... e eu respeito. Falar do Filhos de Gandhy é muito pouco. Eu falar... mas o mundo fala. Acho que representa muito bem a Bahia como Jorge Amado, como Caymmi... Acho que é símbolo.

Muito obrigado pela oportunidade. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5436-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. Edil Pacheco

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Neste momento, quero passar a palavra ao sambista, compositor e cantor baiano Edil Pacheco. (Palmas)

Estou sendo provocado aqui pelo prefeito Sílvio Ataliba, que é filho do Recôncavo... Edil Pacheco é também filho de Maragojipe...

O Sr. EDIL PACHECO:- Boa-tarde pessoas, todo mundo. Queria dar uma boa-tarde especialmente ao meu parceirinho de Maragojipe, Ataliba, ao pessoal de samba-de-roda, ao Filhos de Gandhi, e louvar a iniciativa do nosso querido deputado Bira Coroa por se lembrar de homenagear o Dia do Samba.

O Dia do Samba é uma manifestação que surgiu aqui na Bahia, a partir da década de 70, da primeira visita do nosso grande Ari Barroso. Ele veio a ser homenageado na Bahia, em Salvador, com uma placa no largo de São Miguel. Naquela oportunidade ele tinha feito “Na Baixa de Sapateiros”, sem conhecer a nossa cidade. A partir de uma iniciativa do vereador Luiz Monteiro da Costa, que fez um projeto de lei aprovado em 1963, e dessa data em diante nunca mais e fez nada pelo Dia do Samba...

Em 1972, através da Bahiatursa, foram retomadas as festividades do Dia do Samba. Naquela oportunidade, o nosso querido Gilberto Gil estava vindo do exílio, e fizemos uma grande festa. Eu estava ainda começando a fazer música, mas tive a oportunidade de participar daquela festa, juntamente com Ederaldo Gentil, nosso querido e saudoso Batatinha, o Tião Motorista, Valmir Lima, enfim, fizemos uma grande festa, e este Dia do Samba continuou acontecendo até 1986, quando houve uma pequena parada. A partir do início de 1987, nós fizemos uma viagem para a África. Eu estava na comitiva também, e, nessa oportunidade, o Gilberto Gil, que também estava na comitiva, viajamos para fazer um Carnaval em Benin e tínhamos uma ala boa do Ilê Aiyê também, Pierre Verger, também foi um time de futebol... E



durante esses 15 dias que nós estivemos por lá, conversei com Gilberto Gil a respeito do Dia do Samba, e, quando retornamos ao Brasil e à Bahia, chamei o Ederaldo Gentil, que na oportunidade não tinha viajado, mas que estava aqui e fazia samba, chamei Batatinha, Ederaldo e Tião Motorista e Gilberto Gil na época era um pretense candidato a prefeito e era presidente também da Fundação Gregório de Matos... Sensível com aquele descaso que houve no ano anterior, ele nos conseguiu uma verba, não me lembro se foi de R\$ 400 mil, R\$ 400,00 ou R\$ 40,00. Enfim, essa verba serviu para pagarmos a banda básica, que acompanhou todos os grandes artistas na época. E fizemos uma grande festa no palco da prefeitura, instalado na Praça Municipal, que era chamado, na época, de Palco das Lamentações. Como não tínhamos dinheiro para fazer palco, fizemos a festa. E Gilberto Gil também cantou.

De lá para cá, o samba ganhou força numa sessão grande e, hoje, já virou, vamos dizer assim, modelo para o Brasil. O Brasil todo já comemora o Dia do Samba. E a Bahia, mais uma vez, saiu na frente. Nós é que começamos a fazer aqui, embora o Rio de Janeiro... Inclusive, um parlamentar de lá apresentou um projeto de lei dizendo que o Dia do Samba é uma coisa do Rio de Janeiro, que foi feito a partir do samba no trem que a Beth Carvalho começou a realizar depois que veio aqui. A Beth Carvalho veio aqui várias vezes, participar do Dia do Samba, acho que a primeira vez foi em 1996. A partir dessa vinda, ela também fez um DVD, chamado Canto Samba da Bahia, tudo a partir daqui. Essa é a coisa do samba.

Agora, queria também louvar o deputado por homenagear o Filhos de Gandhi. Acho que se não houvesse o Filhos de Gandhi não haveria esse Carnaval bonito que existe na Bahia. (Palmas) O Filhos de Gandhi é uma resistência, é um trabalho maravilhoso de pessoas que fazem isso organicamente, sem qualquer pretensão, sem querer ser melhor do que outro. Mas o Filhos de Gandhi também já ultrapassou as fronteiras do nosso País e simboliza a Bahia para o mundo todo.

Fiz muito pouco pelos Filhos de Gandhi, mas queria aproveitar a oportunidade. Peço que a turma faça o ritmo aqui, porque fiz uma música em 1982 para louvar não só o Filhos de Gandhi, mas os afoxés, os blocos afros da Bahia, ou seja, o povo negro da Bahia.



Essa música se tornou o hino do Filhos de Gandhi e isso me deixa muito contente. E vou despedir-me cantando a música para vocês. Quero só, se possível, um corinho.

(O Sr. Edil Pacheco canta a música, acompanhado por um grupo musical.)

Muito obrigado, gente, e um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5437-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. Celso Santana

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Já que puxamos o samba, vamos fazer a homenagem aos Filhos de Gandhi no final, para fechar com brilho.

Vamos passar a palavra agora ao sambista que ora completa 50 anos de samba, Celso, que é um marco da nossa história. Logo em seguida, ele é acompanhado também por outro sambista de renome nacional e internacional, mas que é um símbolo da nossa terra: Firmino de Itapuã.

Aproveitando aqui, Celso, antes do seu pronunciamento quero registrar a presença da Sr^a Valdete, do Terreiro Mucundeuá, que é coordenadora do afoxé Filhos de Ogum de Ronda e também de Rebeca, que é cantora e aqui representa a juventude CEN, Coletivo de Entidades Negras. Ela é diretora nacional da juventude de entidades negras. Não poderia deixar de registrar a presença do grupo Só Potência, que vem lá de Camaçari e vai fazer uma base aqui junto com o samba de roda Brilho de Parafuso.

Não podia deixar, Celso, de destacar da nossa velha guarda aqui o seu Zé Rosalvo, que posso dizer que está como um dos grandes incentivadores da música na cidade de Camaçari. Foi o professor e maestro de toda a minha geração. Foi na casa do Sr. Zé Rosalvo que eu iniciei o trabalho com música. Toda a minha família, junto com a família dele, e vários outros jovens da nossa geração e de outras gerações posteriores aprenderam música exatamente com essa simplicidade e sutileza, mas acima de tudo com o dom que Zé Rosalvo sempre dedicou à música.

Celso, desculpe-me. A palavra agora é com você.

O Sr. CELSO SANTANA:- Eu quero dar um boa-tarde a esta galera maravilhosa, ao pessoal da Mesa e agradecer ao deputado Bira Coroa. Quero ficar bem à vontade. O sambista tem que ficar assim porque daqui ele vê as coisas, sai com um tema e faz um samba.



Agradeço primeiro a Deus estes 50 anos que completo de samba. Já rodei muito, nestes 50 anos vivi tantas coisas maravilhosas e hoje fico feliz nesta cidade por ela estar ainda homenageando Celso Santana, Celso do Apache, Celso do Ganolá, Celso dos Carnavais.

Eu vi Filhos de Gandhy ali e fiquei contente. Tenho a felicidade ainda de viver. Fiz uma música, sou fundador do Apaxes do Tororó e de muitos outros blocos aqui na Bahia. Nasci e me criei no Tororó, saí nos Filhos do Tororó, por uma dissidência fiz Vai Quem Quer do Tororó, depois o Apaches do Tororó, que virou marco em minha vida. Aí fiz Viu não Vá, Esse alvorada que está falando aí, eu fiz parte, hein, Vadinho?! Da maioria dos blocos na Bahia fiz parte porque eu fazia música, trabalhava com eletricidade, com instrumento, ensinava a tocar, cantar. Esse é um pouquinho de Celso no Carnaval da Bahia. Tive a felicidade de compor uma música nos 30 anos do Filhos de Gandhy, fazendo parte do Apaches do Tororó, juntamente com o meu parceiro Almir Ferreira. Era um samba que dizia mais ou menos assim: (Entoa a canção.)

E hoje agradeço a Deus os 60 anos dos Filhos de Gandhy, e ainda estou vivo vendo essa massa dos Filhos de Gandhy no carnaval da Bahia, o “tapete branco”.

Em homenagem aos sambistas, sou um sambista, minha religião é o samba. Nasci no Tororó, me tornei bamba e moro num bairro que é reduto do samba. O Tororó gostoso. E nesta festa em homenagem ao Dia do Samba, eu fiz uma música também que enfatiza muito o que é o samba.

(Entoa canção.)

E hoje, para curtir uma boa, eu agradeço a Bira Coroa, eu agradeço a Bira Coroa. (Cantando.)

Muita gente sabe conversar mas eu só sei cantando um pouco, extravasando, tirando de mim aquilo que Deus me deu. Nesses 50 anos, eu estou vivendo em estado de graça. Agradeço a todos aqueles que me homenageiam, me dão um abraço. Estou feliz, nesses 50 anos, por estar vivo e receber essa homenagem. Agradeço aqui, neste momento, à minha prima, Rosa Demétrio. Foi ela a mentora de tudo isso, os 50 anos. (Palmas) Agradeço ao



vereador José Carlos Fernandes, que também faz parte, e toda a assessoria do vereador. Esses sambista que estão aqui, Firmino, Edil Pacheco, Vadinho, meu amigo da Unisamba, Apaches do Tororó.(Palmas) Eu só tenho a agradecer e pedir a Deus que me dê anos de vida e saúde para que eu complete 100 anos de samba. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



5438-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. Firmino de Itapuã

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Convido Firmino para dar a sua contribuição. Fui informado que ele irá fazer um samba com um servidor da Assembléia Legislativa, Geovane.

O Sr. FIRMINO DE ITAPUÃ:- Uma boa tarde a todos. Estou de vermelho e branco, porque eu estava na Baixa de Sapateiros, numa festa gostosa. Aliás, este momento é muito importante para mim, porque estamos recebendo essa homenagem, porque quando se fala em samba, estamos falando da melhor coisa que existe no Brasil, claro que é o samba. (Palmas)

Quero agradecer ao nosso grande deputado por esta iniciativa e dizer que para nós, sambistas, é uma coisa, é um momento muito importante, de muita satisfação saber que o nosso samba está sendo falado, está sendo, realmente, lembrado.

Ao nosso Edil Pacheco, tenho, neste momento, um agradecimento muito importante. Ele disse que fui o fundador do Dia do Samba, há 30 anos, apesar de eu ter 25 anos de idade, é claro. (Risos). Não dêem risadas, por favor, é porque comecei cantando com um ano de idade, já nasci cantando.

Como fundador do Dia do Samba, agradeço a Edil Pacheco pela sua força, a perseverança e tenho certeza, neste momento, digo aqui, na presença de todos vocês, desculpe-me os outros, mas se Edil Pacheco não existisse, já tinha acabado o Dia do Samba. (Palmas).

Edil, em nome de todos os sambistas da Bahia, em nome de todos os meus colegas sofredores, que vêm realmente tentando divulgar o samba, quero agradecer, nunca tive a oportunidade de chegar a você e agradecer. Agradeço a você, agradeço, também ao nosso grande João pelos Filhos de Gandhi maravilhosos, porque quando se fala em samba, é o Gandhi que representa a nossa Bahia.



Vocês me perguntam assim: o que você fala de samba? Eu sei, realmente, comecei a valorizar o samba no momento em que gravei um disco, fui procurado por um produtor do Rio de Janeiro, aqui na Bahia, ele queria um artista aqui da terra, o nosso samba já era cantado e decantado em outros Estados, e nós não sabíamos que existia isso.

Então, foi necessário que viesse um produtor, um diretor de uma gravadora, a Copacabana Discos, onde havia grandes sambistas que não cantavam samba-de-roda, não cantavam o samba autêntico, cantavam o samba nacional, naquela época chamávamos de samba nacional. Então, ele queria fazer um disco, procurava um cantor que cantasse o samba-de-roda, era uma coisa que ele já conhecia, mas queria levar para outras grandes capitais. Pegou a mim, Walmir Lima, o finado Caiçara, que cantava capoeira e queria fazer um disco, chama-se Pau-de-Sebo. O que é Pau-de-Sebo? Você pega dez artistas, faz um disco e cada um canta uma faixa. Naquela época, chamava-se Pau-de-Sebo, coisa maravilhosa.

Então, ele me procurou, o Mamede, você conhece, não é, Edil Pacheco? O Mamede procurou a mim, ao Caiçara e Walmir Lima mandou que fizéssemos o repertório numa sala de quatro paredes, cada um cantou a sua música, o Walmir Lima disse: “Olha, essa história de Pau-de-Sebo não me interessa”. Graças a Deus ele falou isso, porque para ele foi bom e também para mim, não foi compadre? “Esse negócio de Pau-de-Sebo, gosto da coisa individual, mas para o que vocês querem, temos aqui um artista, um cantor chamado Firmino de Itapuã, nada melhor do que ele, que era Firmino Rodrigues, na época, eu cantava na *Rádio Excelsior da Bahia*, era cantor romântico, como continuo cantando até hoje a música romântica, graças a Deus. Faço uma bagunça na minha carreira artística danada.

Bem, me levaram para o Rio de Janeiro, gravei um disco, que era mais ou menos assim:

(O cantor Firmino de Itapuã pede ao maestro um mi maior e entoa suas composições.)

Aplausos para Firmino de Itapuã, gente (palmas). Então, graças a Deus, fiz esse disco e tive a felicidade de levar a música, o samba baiano, o samba de roda, a chula para as



grandes capitais e vender, naquela época, 300 mil cópias de disco. Aí se pergunta: por que não está rico? Porque só me pagaram R\$ 50 mil, não tive a felicidade de ganhar dinheiro naquela época.

Aí quando você está fazendo sucesso, dizem: “Ah, pintou um sambista aqui na Bahia!” Aí vêm os grandes empresários: “Firmino, tem um *show* pra você.” digo: “Oba, graças a Deus, vou ganhar um dinheirinho!” Aí quando chega lá: “Esse rapaz aqui é radialista, vai tocar sua música e você vai fazer um *show* pra ele de graça.” Digo: Ó meu Deus do céu, cadê o dinheiro?”

Em resumo, se me perguntarem: “Ganhou dinheiro?” Não, não ganhei dinheiro. “Está feliz?” Estou, porque continuei cantando samba. A minha maior felicidade é que me peguei num grupo – o Brasil Tropical –, morei morei quatro anos na Europa, viajei por todos os grandes países, conheço uma média de 36 países da Europa, como cantor, dançarino, capoeirista.

Por favor, maestro, mi maior!

(Apresentação musical.)

E o Brasil cantou essa música, graças a Deus. Então foi uma contribuição minha para levar o samba para outras grandes capitais. Bem, de repente, uma felicidade muito grande: O Filhos de Gandhi completa 30 anos! Aí vêm Camafeu de Oxóssi e Paulinho Camafeu, fazem uma música: “Firmino, estamos procurando um cantor para gravar uma música por meio da qual a gente possa levar o Filhos de Gandhi a outras grandes capitais, pois existe o “*Filalaeu*”, mas a gente não conseguiu levar às grandes capitais”.

Então, gostaria que o maestro desse sol maior.

(Apresentação musical.)

Aí, de repente se pergunta: “Qual a felicidade do sambista?” Há 04 meses, fazia uma viagem à Suíça, onde fiquei durante dois meses – eu, Jauperi, Raimundo Sodré e um grupo de 24 artistas, entre mulatas, capoeiristas, e foi aí que vim entender que, realmente, o nosso samba tem valor e existe. É um valor maravilhoso, estrondoso, um valor que quem está aqui



na Bahia...Vou explicar para vocês uma coisa: Lembro que estávamos na Suíça, em Zurique, aí Gilberto Gil ia estreiar um espetáculo. Depois do *Bonde do Samba*, que era o nosso espetáculo, acho que ele chegou lá na Suíça e sentiu realmente a força que temos na Bahia. Ele já era ministro da Cultura, e acho que o comentário de que havia um grupo brasileiro lá, que fez uma temporada de dois meses e que era casa lotada – eram 1200 pessoas diariamente, e sótocava uma vez na semana. Gil perguntou: “Fazendo o quê?” Disseram: “Tem três cantores aqui – Jauperi, Firmino de Itapuã e Raimundo Sodré, da massa da mandioca.” – Ele disse: “Rapaz, é sensacional! Eles fizeram o quê, aqui?”. “Rapaz, trouxeram a capoeira, o maculelê baiano, o samba-de-roda.

Três meses depois, chego aqui ao Brasil, e nossa capoeira virou o quê? Entendeu? Quer dizer, é necessário, é preciso que, neste momento, aqui – e quero agradecer ao nosso deputado, aos nossos amigos – vamos fazer como Edil Pacheco fez, vamos revitalizar o samba, mostrar realmente... Que este momento não fique aqui entre nós, que não fique só nesta reunião aqui com os Filhos de Gandhi, comigo, Firmino, com vocês, com a minha amiga Rosa.

Inclusive, eu estive agora assistindo a um show do meu amigo Celso, eu conhecia Celso há mais de 35 anos, mas não sabia o valor que Celso tinha, eu fui conhecer esse valor porque eu me sentei numa cadeira do teatro, ouvi músicas maravilhosas, eu jamais iria imaginar que essa música era desse rapaz. E eu agradeço a quem? A uma criatura que é professora, que vai ensinar aos alunos, o quê? A cultura, mas não é a cultura musical, ela vai ensinar outras coisas, a língua portuguesa. De repente, ela se integrou e mostrou para mim, Firmino, que nós temos, aqui na Bahia, o Celso, o Edil Pacheco, que nós temos essa criatura maravilhosa que trabalha o Gandhi, vem se esforçando... E tem gente que quer tomar... Rapaz, é uma história e tanto.

Então, muito obrigado e eu espero que este momento... Vamos continuar, vamos trabalhar, vamos colocar projeto, vamos mostrar, realmente, o que nós somos. Vamos acabar com esse negócio de vir gente... Eu não sou contra ninguém vir aqui buscar a nossa música,



mas quando ele vem buscar a nossa música, é sinal de que nós estamos bem, estamos muito bem. (Palmas) E para que nós possamos, realmente, concretizar a nossa força é necessário que nós, aqui da Bahia, os vereadores, os prefeitos, o governador... Por que eu vou ter que chegar à Suíça para cantar samba de roda e ser aplaudido? Eu tenho que cantar samba de roda aqui, eu tenho que cantar aqui o Raimundo Sodré.

Eu me lembro de Raimundo Sodré, no teatro, quando Sodré entrava, me desculpem se eu estou enchendo o saco, mas é um momento importante para falar, porque, se eu não falar aqui, vocês vão saber que eu fui para a Suíça onde, pelo amor de Deus? Vocês vão saber que eu morei 4 anos na Europa, trabalhando no Brasil Tropical, como dançarino. Onde vocês vão saber? Estou certo, deputado?

Então, pelo amor de Deus, a partir de hoje, vamos colocar projeto, por favor, deputado, vamos mesmo. Eu coloquei um projeto aqui na Bahia, um projeto maravilhoso que se chamava Acarajé com Música. Quando me falaram que o Belvedere da Sé era um espaço das baianas de acarajé, eu disse: acarajé é cultura. Fiz um projeto bonito, eu passei mais ou menos uns seis meses, porque eu nunca dei sorte com projeto, estou pobre até hoje por causa de projeto, eu passei seis meses colocando projeto, botei uma foto minha, bonita, na capa colorida, para poder embelezar mais um pouquinho, para ver se o pessoal, realmente, se conscientizava, e aí coloquei o projeto Acarajé com Música. O que é esse projeto? É para mostrar a nossa cultura, a nossa culinária, colocar os Filhos de Gandhi..., Inclusive eu coloquei o afoxé Filhos de Gandhi com a ousadia que eu tive, porque eu ia levar para o nosso presidente depois, os Filhos de Gandhi faria a abertura, ali no Belvedere da Sé, colocaria os garotos tocando ali, mostrando a cultura, os turistas passando, vendo aquela coisa linda tocando, lá no fundo, onde tem a Cruz Caída, haveria umas mesas todas forradinhas, bonitas, com iluminação, som, segurança, colocava seis baianas fazendo o receptivo na entrada... Eu estou mostrando o projeto que eu fiz, você chegava e as baianas faziam o receptivo, dizendo: muito obrigada pela sua presença, e falando francês: *s'il vous plait, merci très bien...* Fazia aquela confusão, o cara entrava, sentava. Aí, faríamos aquela confusão, o cara entrava, se



sentava, mas antes ele iria ver o cara jogando capoeira, os Filhos de Gandhi tocando, aquela coisa gostosa, bonita e ele ficaria arrepiado.

Quando você chegasse e se sentasse, nós íamos botar um grupo tocando música para dançar, gafieira, mostrando o que a Bahia tem, as nossas nunes. Haveria samba de roda, chorinho, com baiana, com tudo. Eu peguei esse projeto e coloquei, depois de tanto trabalho, sabe o que me disseram? Legal, seu projeto está maravilhoso, está bonito, mas, infelizmente, nós não podemos fazer nada, continue com ele.

Continuar para que, pelo amor de Deus? Foi um desgaste tão grande, eu fiquei chateado e deixei de fazer projeto. O meu projeto, agora, sabe qual é? É admirar os Filhos de Gandhi, Edil Pacheco e todos os anos me preparar para cantar no Dia do Samba, fazer a coisa bonita que eu fiz. Foi lindo, maravilhoso.

Muito obrigado a todos vocês. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5439-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. Sílvio Ataliba

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Tudo é samba. Quero, neste momento, convidar para também participar dois grupos da minha terra, Camaçari. Como bom nativista, quero ressaltar o “Brilho do Samba”, de Parafuso, e o “Só Potência”.

O Sr. Leone Alves Ribeiro:- Gente, é o seguinte: o grupo “Só Potência”, de Camaçari, quer agradecer por este lindo evento que o deputado Bira Coroa está fazendo aqui. Na verdade, ele sempre fez isso lá na nossa cidade. Mesmo antes de ser deputado, como vereador, sempre incentivou a cultura musical do nosso município. Agora, no Estado, dá continuidade a esse trabalho.

(Apresentação do grupo “Só Potência”.)

(Continuação da apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- (Palmas) Samba puxa samba. (Palmas) Enquanto o brilho do samba de Parafuso se organiza, eu vou ganhar um pouco de tempo e passar a palavra a Sílvio Ataliba, prefeito de Maragogipe. (Palmas)

O Sr. SÍLVIO ATALIBA:- Gente, primeiro, quero saudar este homem que, em minha concepção, vem se destacando como um dos maiores estreantes nesta Casa Legislativa que é o deputado Bira Coroa. O professor Bira Coroa é uma das figuras que, em minha concepção, a Bahia pariu de forma correta. Se aqui na Bahia a gente estréia, Bira estreou numa data correta em um momento certo para a política e, principalmente, para o movimento social da Bahia.

Gente, eu poderia nominar cada um de vocês presentes na Mesa. Mas eu quero saudar esse maragogipano que tem levado o nome de nosso município e de nosso recôncavo para todas as partes deste País: o nosso querido Edinho Pacheco. (Palmas) Ao saudar Edinho



Pacheco, eu saúdo todos vocês da Mesa e, ao mesmo tempo, saúdo a todos vocês que fazem samba em um País onde o revólver 38 é mais barato que um cavaquinho.

Peço desculpas e a bênção a quem se deve pedir. Quero dizer a cada um de vocês que a demonstração dada por cada um que se apresentou, por cada um que discursou, por cada um que cantou, é a demonstração da resistência do povo negro.

E, aí, a gente pode, neste dia de Iansã, no Dia de Santa Bárbara, fazer uma grande reflexão nesta sessão especial, companheiro Bira. Todos nós somos descendentes de uma raça que, sem precisar se sentar em um banco da universidade, pega um instrumento de uma nota só e faz música. Este é o orgulho que nós, povo negro, devemos ter, ou seja, do cavaquinho, viola, tamborim, agogô.

Mas isso é pouco para a gente. Tudo isso, todos esses instrumentos que nós utilizamos, ao longo desse tempo, serviu, apenas, para nós expressarmos, também, o nosso lado alegre desse povo que sofreu, porque atravessou o oceano da forma mais infame que um cidadão poderia atravessar.

Nós não queremos só sermos lembrados, até porque é lembrado quem foi esquecido na hora de repartir o bolo. Nós, o povo negro, precisamos também do orçamento deste Estado e deste País. Nós não devemos só brigar para desfilar no horário nobre do carnaval baiano, a gente tem que usar toda nossa inteligência e todos os nossos instrumentos de luta, seja a capoeira, seja na forma da dança, seja no maculelê, seja com os nossos doutores pretos, para disputar o orçamento deste Estado e deste País. E não se curvar à mídia deste País, que faz o debate inverso da questão das cotas. Nem eu e nem nenhum irmão preto é a favor das cotas, mas esse é o instrumento mais rápido de reaver tudo que foi roubado da gente.

É muito bonita a foto de uma baiana representando a Bahia e o Brasil, é muito bonito o jogo da capoeira, mas gostoso para gente é participar do orçamento. E é nisso que a gente tem que se engajar. Assim como a crítica vem ao movimento dos trabalhadores sem terra na ocupação da terra, eu prefiro ser criticado pela ocupação do orçamento deste Estado e deste País para fazer, verdadeiramente, a reparação de que cada um de nós precisamos.



Nós, o povo negro, o afrodescendente, o povo pobre, precisamos trocar as favelas, precisamos trocar a apresentação sórdida na televisão daqueles que se aproveitam de muitos irmãos nossos, que acabam se desviando do caminho e acabam nas grades das delegacias. A gente tem que parar... E eu tenho apanhado muito pela imprensa baiana com o pseudônimo de “Foguinho”, mas a gente sempre tem dito que não chegamos ao poder para encher o bolso daqueles que andam nas delegacias apresentando a face dos nossos irmãos negros. Temos que dar um basta nisso.

A audiência desses programas tem que acabar e, numa Bahia de maioria negra, nós não podemos estar ao meio-dia, nas nossas casas, rindo das palhaçadas daqueles que apresentam programas para dizer que o negro (Palmas) continua sendo para eles o bobo da corte, o palhaço deste Estado e desta nação.

Vamos fazer o enfrentamento com esse instrumento aqui. É bonito a gente ver o povo negro sambando no tapete verde da Assembléia Legislativa, mas eu quero ver mais negros ocupando a cadeira de deputado aqui, companheiro Bira. (Palmas)

A gente precisa dialogar, fazer o enfrentamento de uma forma diferenciada. Acho que esse ato aqui, Bira, coroa toda a sua luta e a luta de tantos outros irmãos em prol dessa causa. É importante a gente saber que tem uma instituição que muitas vezes é propagada, companheiros do Filhos de Gandhi, companheiro Vadinho, como o tapete branco no asfalto negro desse carnaval baiano, mas a gente precisa que instituições como a de vocês, e nossa, recebam também os benefícios de todas as empresas que mais recebem os lucros de nós, o povo das classes C, D e E deste Estado. Se nós consumimos, também queremos a marca daquilo que consumimos nos blocos que nós andamos. (Palmas)

Então, gente, tem um verso de uma música, não sei se é de Benito di Paula, que diz, Edil: “ Vamos falar de mulher, da morena e dinheiro.

Do batuque do surdo e até do pandeiro.

Mas não fale da vida, que você não sabe o que eu já passei”.



É verdadeiramente isso. Ninguém sabe o que cada um de vocês sofrem para aprender o cavaquinho, a viola, para bater no tambor sem saber ler uma partitura sequer, sem saber a clave de Fá, a clave de Sol... Enfim, nós aprendemos dessa forma a fazer música neste Estado e a filarmônica acaba morrendo, Bira, você que também foi oriundo filarmônica e teve um avô também músico. O título dos músicos sempre foi o de vagabundo. Poucos são os músicos, como os jogadores de futebol, que fazem sucesso. E nessa selva de quem não almoça é jantado, o povo negro continua sempre esquecido. De vez em quando é lembrado para aparecer numa fotografia institucional ou como uma baiana do acarajé ou alguém jogando capoeira. É sobre isso que quero que vocês reflitam hoje, Dia de Santa Bárbara, Dia de Iansã, se Gil, parceiro de Caetano, fez a composição “Tempo bom, tempo ruim”, espero que essa mesma que é a Rainha dos Raios possa trazer tempos bons para o povo negro, o povo pobre da periferia deste Estado, deste País.

Viva o povo negro! Viva o samba! E não poderemos esquecer que temos de aplaudir (Palmas!) aqui os nossos *Obamas* da Bahia e do Brasil. Temos muitos *Obamas* aqui! Não precisamos aplaudir os americanos, e sim essas figuras que fazem a transformação neste Estado, o enfrentamento através da música e da resistência.

Muito obrigado.(Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



5440-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. José Carlos Fernandes

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Neste momento passamos a palavra ao vereador do município de Salvador José Carlos Fernandes (Palmas!), que nos honra muito com a sua presença.

O Sr. JOSÉ CARLOS FERNANDES:- Boa-tarde a todos. Quero cumprimentar a Mesa. Se o deputado Bira me permite, o sambista Sérgio Santana, que faz 50 anos (Palmas!). Este é o dia para homenagear o samba, e nada melhor do que fazer esta homenagem em nome de um sambista que dedicou 50 anos da sua vida a esse ritmo que hoje exaltamos.

Mas seria bom, meu caro Bira, que o prefeito de Maragogipe fosse o último orador, pois era isto que eu queria dizer nesta tribuna: este é o espaço que a Assembléia e a Câmara não estão concedendo. Ele é uma conquista do povo, que o está abrindo para discutir o samba, sim, não apenas como um processo de manifestação cultural, mas também como um processo de inclusão social (Palmas!)

Sabemos aqui em Salvador que em outros Estados temos grandes carnavais, mas talvez o daqui seja o maior do Brasil. Nos demais também há bons carnavais baseados unicamente no samba, e o espaço do samba aqui ainda é pequeno no Carnaval, que é a grande vitrine dessa manifestação cultural de um povo alegre e hospitaleiro que precisa do seu principal símbolo de manifestação artística, cultural e, até como disse o nosso prefeito, de uma revolta contra as desigualdades sociais. Portanto, é preciso haver mais espaço para o samba no Carnaval da Bahia.

Sabemos que temos Olodum, Filhos de Gandhi, Ylê, Malê Debalê, mas é pouco para uma cidade onde o samba nasceu. Nasceu no Recôncavo. E, como dizia Jorge Amado e disse aqui um orador anterior, aquela região é o umbigo do samba, assim como o Forte de São Marcelo é o do mundo. A Baía de Todos os Santos é o umbigo do mundo. E foi aqui na cidade



da Bahia, que nasceu dessas águas do Recôncavo, que aportou ou aportou ou que aportaram os primeiros navegadores depois de terem descoberto o Brasil em 1500. Bordejando pelas costas, chegaram aqui em 1501, no dia 1º de novembro, e esta cidade da Bahia é fruto disso. O Recôncavo faz parte da baía, assim como a baía faz parte do Recôncavo, é o seu símbolo maior.

Nós queríamos dizer porque que em Pernambuco você tem o maracatu, você tem os caboclinhos, que são grandes expressões da cultura pernambucana, inclusive da cultura aborígene, que representa muito mais os índios e tem aquele espaço no carnaval. E o samba tem tão pouco espaço, baseado na projeção, na dimensão que o samba tem como manifestação cultural de um povo e de uma raça, por quê?

Porque nós não temos aqui ainda o samba chula ou algumas representações do Recôncavo, o samba-de-roda de Santo Amaro ou de outras localidades do Recôncavo, que nós sabemos que existem e que são importantes na nossa cultura? Por que não aparece no nosso Carnaval, se o Carnaval é a grande vitrine da Bahia, e a grande vitrine é onde nós devemos colocar tudo que é essencial, tudo que é importante e tudo que representa o nosso povo, a nossa raça, a nossa identidade e a nossas raízes culturais?

Eu acho que este espaço, como dele fez bom uso o prefeito de Maragogipe, esta tribuna, é do povo, é para discutir coisas mais objetivas com relação à inclusão social através do samba, a integração racial, enfim, todas as conquistas que o povo da Bahia e o povo brasileiro merece e aspira.

Nesse sentido, acho que nós deveremos, sim, deputado Bira Coroa, manter essa sessão anualmente, o que ainda é pouco. Lá na Câmara nós temos uma, mas é preciso fazer com que ela seja realmente o espaço de reivindicação e de conquista para isso que representa o povo, que é o samba.

Dito isso, não quero me alongar, quero parabenizar o prefeito de Maragogipe, que realmente foi muito feliz nas suas colocações, porque precisamos urgentemente transformar o que é genuíno, o que é de mais tradicional da vida baiana e dos baianos em benefício dos



próprios baianos, não para que seja explorado por outros que aqui nem nasceram e que vem aqui apenas se apropriar daquilo que é caro à nossa cultura e que é caro à nossa gente, que faz e que mantém com tanta dificuldade.

Eu queria parabenizar também o Filhos de Gandhy e os outros grupos culturais de samba e dizer que no próximo ano o deputado Bira Coroa estará aqui e fará, certamente, uma festa com mais gente, com capoeira, com baiana do acarajé, com tudo que faz parte desse amálgama que se chama Bahia.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-02****Ses. Esp. 04/12/08**

Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Nós é que agradecemos. Agora vamos abrir o espaço para o grupo Brilho do Samba, de Parafuso, que está aqui próximo. Em seguida, o samba-de-roda Filhos da Barragem, mas temos também a homenagem ao Filhos de Gandhi e que precisamos fazer. Em seguida à homenagem ao Filhos de Gandhi vamos para o Salão Verde desta Casa, onde estamos armando também uma rodinha de samba que vai ter a participação do grupo Maragogó, o grupo de Maragogipe, que acabou de chegar. Os companheiros tiveram dificuldades por causa de um problema com o transporte, mas cumpriram... para dizer que o samba não pode morrer e está aqui.

Antes de passar ao grupo, quero registrar que estão presentes aqui representantes do municípios, o que muito nos honra, de São Francisco do Conde, Maragogipe, Santo Amaro, Serrinha, Camaçari, Salvador, Cachoeira, Terra Nova, Caldeirão Grande. Se faltou algum, é só me chamarem a atenção. Quero registrar também a presença de mãe Val de Ogum, do babalorixá pai de José de Serrinha.

Neste momento, solicito a participação do “Brilho do Samba”, de Parafuso, que veio de nossa cidade, com a raiz no pé do samba de roda.

(Continuação da apresentação musical.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Sabemos que o samba movimenta todos nos.

Antes de prestar uma homenagem ao Filhos de Gandhi, quero demonstrar toda satisfação que temos, que flui, e a emoção, que não podemos esconder neste momento. Quero convidar para, em nome do Filhos de Gandhi, receber uma simples homenagem de reconhecimento e de valorização pela passagem dos 60 anos, não apenas de Carnavais neste Estado, mas 60 anos de resistência, de força, de luta e do simbolismo maior, da força do povo



negro neste Estado negro, porém injusto com o próprio negro, em nome da Assembléia Legislativa, quero homenagear o presidente do Filhos de Gandhi, Aguinaldo Silva.

O Sr. Presidente Bira Coroa procede à entrega de placa de homenagem ao Sr. Aguinaldo.) (Palmas)



5441-II

Ses. Esp. 04/12/08

Or. Aguinaldo Silva

Dia do samba/ Sessenta anos dos Filhos de Gandhi.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Concedo a palavra ao professor Aguinaldo, que em nome do Filhos de Gandhi, encerrar também a sua participação.

O Sr. AGUINALDO DA SILVA:- Boa-tarde, é com enorme prazer que faço parte desta sessão especial. Quero parabenizar o nosso deputado Bira Coroa pela iniciativa. Os Filhos de Gandhi já mereciam o reconhecimento das autoridades, de um deputado afrodescendente, de origem africana, nós somos das raízes africanas. O Afoxé Filhos de Gandhi passou por vários estágios, tivemos vários segmentos, passamos por várias dificuldades, como ele falou com muita propriedade no seu discurso.

Iniciamos em 18 de fevereiro de 1949, fundado pelos estivadores, com o objetivo de levar a paz à Avenida, e hoje completamos 60 anos de existência, hoje reconhecido pelo *Guiness Book*, por outras entidades, pela Bahia, pelo Brasil, pelo mundo, mas faltava o reconhecimento maior desse amigo, irmão, Bira Coroa que sempre participou dos Filhos de Gandhi, e sabe do nosso trabalho árduo.

E hoje, quero parabenizar o Dia do Samba, o dia de nossa mãe Santa Bárbara, que também é nossa mãe Iansã, Epa hey, Oyá! e a todos os orixás que somos das raízes africanas (Palmas). Quero parabenizar a Assembléia Legislativa por nos acolher para fazer este evento maravilhoso e Bira está de parabéns. Espero que você continue fazendo esse trabalho, desenvolvendo-o em prol da cultura, porque samba também é cultura.

Muito obrigado. Ajaiô!

(Palmas)

((Não foi revisto pelo orador.))



DL-03

Ses. Esp. 04/12/08

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Queremos registrar a presença do Tio Souza, o embaixador do Pelourinho.

Quero convidar, para num ato de participação, Lina Paula, do Núcleo Africanidade de São Francisco do Conde, Valdelina do Samba, de São Gonçalo, e Jussara, do CEN, que são componentes do CEN, mas são do município de São Francisco do Conde e estão prestando uma homenagem.

(As Sr^{as} Lina Paula, Valdelina e Jussara prestam uma homenagem ao presidente Bira Coroa.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Esta não estava no *script*! pegaram-me de surpresa, fico mais uma vez agradecido. São Francisco do Conde tem sido o marco da resistência. Eu que tenho acompanhado o município há alguns anos e tenho vivenciado o quanto o município tem se sustentado, muito mais por iniciativa dos grupos, por iniciativas privadas, vamos assim chamar, do que pela força dos poderes públicos. Mas, com certeza, este é o ano e tem sido o momento de revertermos isso, de sensibilizar e responsabilizar os setores públicos para que políticas públicas afirmativas (palmas) de sustentação do nosso povo, da nossa cultura, da nossa identidade, de resgate das nossas memórias sejam implementadas.

Por isso, em nome da resistência de São Francisco do Conde, quero estender a todos os grupos aqui presentes, a todos aqueles que fazem do samba e de todas as vertentes da nossa cultura a força maior que nos move, que nos sustenta, que nos faz presentes, mesmo nesta “selva de pedras”, como aqui foi citado por Sílvio Ataliba.

Quero comunicar que depois deste ato o samba não acaba, ainda teremos, no outro salão, a participação do “Grupo Maragogó”, de Maragogipe, e do “Só Potência”. Mas vou quebrar um pouco o protocolo fazendo o encerramento mais ou menos oficial deste evento,



deixando que o samba seja o marco. Convido para a frente os sambas-de-roda “Filhos da Barragem” e “Filhos da Lagoa”, de Cachoeira.

Enquanto esses grupos se organizam para fazer essa participação, quero agradecer a todos e a todas, em especial àqueles que fazem do samba um instrumento de resistência. Chamo a atenção que este dia não é apenas de comemoração, é também de luta. Estou aqui em nome de muitos que não tiveram a oportunidade de adentrar o Poder Legislativo do Estado da Bahia para fazer valer o seu dia, daqueles que tombaram muito antes, daqueles que não puderam alisar os bancos das universidades, que não tiveram o direito a uma vida mais digna, mas que fizeram do samba o acalento, a resistência. E assim cruzaram fronteiras.

A história de Firmino nos mostra isso, assim como a vivência de 50 anos de Celso, que conheci na quadra dos Apaches. Depois, lá em Camaçari, criamos um movimento cultural, o bloco “Vem não Vai”. Tive o privilégio, posso assim dizer, de conviver com ele ao longo de alguns anos, colocando nas avenidas daquela cidade, durante as Micaretas, a alegria da juventude, regada pela força de vontade, pelo brilho, pela sapiência e pelo acúmulo de experiências de Celso, que era de tudo naquele grupo. Como ele diz, eletricista, operador de som, arranjador e até músico. Lembro que uma vez um dos nossos músicos não chegou a tempo, e na hora em que o carro de som saiu ele “bafou” o bumbo, botou no pescoço e segurou a onda para que fôssemos às ruas cumprir a nossa tarefa. (Palmas) Não podemos esquecer isso, Celso.

É lembrando de nomes como o de Ederaldo Gentil que reconhecemos a luta, o esforço e a afirmação do samba nos nossos dias. É também quando lembramos os nomes de vários outros e várias outras que não puderam estar neste recinto. Entre eles, não podia deixar de citar França, tão conhecido como Vadinho do Alvorada. O Alvorada foi o primeiro bloco em que pude desfilar nas avenidas de Salvador. Era estudante secundarista do Colégio Central, não podia disputar o espaço dos Internacionais nem de nenhum dos grandes blocos economicamente montados, mas era no Alvorada, no Barroquinha Zero e no Filhos de Gandhi que a gente fazia valer o direito de ser negro, jovem, mas estar no Carnaval com brilho.



Envergonho-me hoje quando chego ao cenário do Carnaval baiano e a maioria dos nossos irmãos, principalmente jovens, mulheres e homens, está como figurante do Carnaval, suportando ou ostentando cordas, impressada por trás dos tapumes montados, dos alambrados, sem poder vivenciar o brilho maior no Campo Grande, as grandes apresentações marcadas na Barra ou até mesmo sem direito a ter o espaço que tínhamos na praça do povo, a Praça Castro Alves, porque o Carnaval se tornou uma passarela para o poder econômico. Hoje, o Carnaval da Bahia, tomado pelos camarotes, pelas arquibancadas, demarcado pelas linhas das cordas dos blocos, faz com que o povo que ostentou e sustentou essa cultura e essa tradição tenha o seu espaço cada vez mais resumido.

Quero destacar o quanto tem sido importante o projeto de um observatório racial do Carnaval de Salvador para poder mostrar as imagens que a grande mídia não mostrava: as imagens de violência, desrespeito e descaso com o povo que fez da cultura a sua forma de vida. E costume sempre dizer que o povo baiano é tido lá no Sul como um povo devagar e até preguiçoso. Eu rebato dizendo sempre que o sulista, especialmente o paulista, vive para trabalhar, e o baiano trabalha para viver, essa é a diferença. (Palmas) Catar latinha no Carnaval e nas festas, vender churrasquinhos e outros petiscos, carregar caixas de isopor e ainda dançar ao som da música do trio elétrico ou no balanço de um afoxé não é para qualquer um, não dá para sulista algum chegar aqui e disputar esse espaço. (Palmas)

Então, é com esse respeito que o povo de samba, o povo-de-santo, os afoxés, enfim, todos têm que ser vistos pela grande mídia com respeito de um povo que faz da sua cultura a sua sobrevivência e a sua resistência.

Por isso, Filhos de Gandhy, o dia de hoje é especial, dia, como já foi dito aqui, em que comemoramos Santa Bárbara na religião católica, mas que, na religiosidade matriz africana, é um dia muito mais forte. Não podia ser diferente, tinha que ser hoje, o dia 4, a primeira vez que esta Casa reconhece o samba como um valor cultural, (Palmas) como um instrumento da resistência e como a valorização de nossa luta.



Quero aqui destacar a importância que têm as câmaras municipais. Salvador é o carro-chefe do nosso Estado, mas que muitos outros municípios possam seguir esse exemplo de trazer para esta Casa debates e discussões de temas tão importantes e tão estratégicos, de pilares de sustentação do nosso povo, como o Dia do Samba, que o senhor, felizmente, levou para a Casa Legislativa da Cidade do Salvador. Quero aproveitar para homenageá-lo e reconhecer sua importância.

Quero, também, destacar aqui a Polícia Militar pela grande parceira que tem sido em muitas frentes de luta. Hoje, na Polícia Militar, temos acesso para discutir problemáticas envolvendo o povo negro com mais dignidade e mais respeito. Ainda precisamos avançar muito, reconhecemos, mas podemos dizer que, hoje, a Bahia já abre para se debater temas importantes como se ter na polícia um núcleo de acompanhamento e de respeito ao povo de Santo, valorizando o policial militar pela religiosidade de matriz africana, e não o obrigando, condicionando-o a responder atrás de qualquer outra religião. Então isso é um aspecto, uma conquista importante.

Atualmente temos o privilégio de ter no comando maior da Polícia Militar do Estado da Bahia um graduado negro, o comandante Nilton Mascarenhas, o que, com certeza, é também uma conquista. Mas temos de ocupar vários outros lugares, incluindo alguns nesta Casa. Não sou o único negro neste Legislativo, tenho a convicção disso. Mas é preciso que todos os deputados desta Assembléia, independentemente da epiderme, assumam o papel de construir a sociedade igualitária que todos nós defendemos e acreditamos. Assim, não podemos perder isso de vista.

Quero destacar também a importância do governo do Estado da Bahia. Hoje temos um governo aberto e com visão e compromisso de amplitude diferenciada dos governos passados, o que nos permite ter aqui nesta Mesa a representação da Secretaria Estadual da Educação. Muito mais do que isso: o governo tem sido de participação, e a sociedade civil organizada tem encontrado mais espaço para o diálogo. Muitos avanços ainda estão por vir. Ainda precisamos conquistar muito desse nosso governo de políticas públicas, mas um passo



importante já foi dado: o direito de dialogar, de ser respeitado e de ser recebido. A sociedade civil organizada tem vivenciado isso.

Agora mesmo, ontem, nós recebemos nesta Casa mais de 300 pessoas oriundas do interior deste Estado da Bahia. Homens e mulheres na sua maioria jovens simbolizando, posso dizer assim, a agricultura familiar. Foram recebidos no final da tarde dessa quarta-feira pelo governador Jaques Wagner, que dita como fato novo o governante receber os setores desta nossa sociedade com dignidade e apreço. Por isso, é diferente.

Neste dia quero externar também em nome desta Casa, do presidente Marcelo Nilo, que aqui esteve, e de todos os deputados que por este Plenário passaram a satisfação de fazer desta uma data simbólica que marca a história deste Parlamento, pois vai para os seus Anais como um dia de conquista em que o samba adentrou o Legislativo baiano e nele fez morada, porque aqui também é a casa do samba.

Acho que não me esqueci de nenhum da Mesa.

Para concluir, quero igualmente agradecer a todos os grupos de samba. Não vou nominar para não correr o risco de esquecer algum. Em nome da ala do Filhos de Gandhi dou um abraço em todos, agradeço e me coloco à disposição nessa luta. O mandato é um instrumento que não nos pertence. Nós representamos as nossas frentes de luta. Mais uma vez, reafirmo que o mandato é um instrumento para fazer valer o direito de ser cidadão ou cidadã ocupando os espaços e construindo novos.

Agradeço também aos servidores desta Casa que, com o compromisso que têm firmado, estão aqui mesmo com o horário já ultrapassado. Muitos já perderam o transporte, às 18 horas, mas estamos segurando gradativamente para continuarmos realizando este ato. Quero agradecer à *TV Assembléia* pela cobertura que tem dado à comunicação desta Assembléia. Agradeço ainda às assessorias dos nossos mandatos, que ajudaram a construir esse ato. Em especial, em nome das entidades que o construíram, como o CEN, Coletivo de Entidades Negras, quero estender o agradecimento também a todas as entidades que contribuíram com este momento.



Em nome do Poder Legislativo da Bahia, eu agradeço a presença de todas as autoridades civis e militares e, em especial, a maior autoridade que nós temos que é o povo do nosso Estado.

Quero convidar todos para continuarmos com a participação do grupo de samba Roda Filhos da Barragem e Filhos da Lagoa, de Cachoeira, teremos no salão ao lado uma montagem próxima do que conhecemos do samba. O samba não pode viver sem um botequim.

(Palmas.)

(Apresentação de samba.)

(Encerrada a sessão.)